

ABRAPSO 2009

Mesa Redonda: Pesquisa Participativa, Consciência e Encontros através da Dança Comunitária.

Título: Acesso e ocupação de espaços – públicos, culturais, de convivência e subjetivos – pela arte da dança: a experiência do Grupo Contato da Oficina de Dança e Expressão Corporal.

Filiação Institucional: Projeto Cidadãos Cantantes / Grupo Contato – São Paulo
Universidade Paulista – UNIP Jundiaí

Autora: Tatiana Alves Cordaro Bichara

Email: tatiacb@gmail.com

Compartilhar o trabalho da Oficina da Dança e Expressão Corporal e do Grupo Contato é um desafio e uma necessidade. Desafio pelo fato de me permitir refletir sobre meu fazer, trazer questões, pensar hipóteses e caminhos novos para o trabalho. Necessidade, porque é preciso pensar sobre o que fazemos. Nas palavras de Kazi (2006:250) devemos “*pensar no que fazemos para fazer o que pensamos*”. Assim, as reflexões apresentadas aqui, muitas vezes serão configuradas mais como perguntas do que como respostas.

Em 2001, no Centro Cultural São Paulo, iniciamos, informalmente, ora como invasores e ora com apoio de alguns funcionários, os encontros da *Oficina de Dança e Expressão Corporal*. Nasce como um desdobramento das atividades artístico-políticas do *Coral Cênico Cidadãos Cantantes*, grupo aberto, vinculado ao Movimento de Luta Antimanicomial, voltado para promover a convivência entre diferentes pessoas, com diversas condições sociais e necessidades de saúde, pela arte de cantar, em um espaço público cultural da cidade.

Membro da equipe de profissionais do Coral desde 1997, quando ainda era estudante de Psicologia, venho acompanhando a luta e batalhando pela consolidação e pelo reconhecimento desse projeto como uma política pública.

Com o objetivo de promover mais um espaço de criação e de encontros para os participantes do Coral, inauguramos a Oficina de Dança e Expressão Corporal; também voltada para possibilitar encontros entre as pessoas pela criação artística em dança, em um

grupo heterogêneo e aberto para todos aqueles que quisessem dançar, independentemente de suas condições sociais e de saúde, em um espaço público e cultural da cidade – inicialmente no Centro Cultural São Paulo e atualmente, na Galeria Olido. Na época, apesar do grupo ser heterogêneo, os participantes do Coral ainda eram, em sua maioria, portadores de sofrimento mental. A medicação excessiva e as vivências do sofrimento mental nas formas sociais e históricas da cultura excludente em que vivemos, estavam fortemente marcadas em seus corpos, de diferentes maneiras: pela postura, rigidez muscular, dificuldade na fala, consciência corporal, entre outras.

Na coordenação da Oficina de Dança há oito anos, venho percebendo a potência dessa experiência, nos âmbitos individuais e coletivos. A convivência com o outro – diferente – (o outro diferente a que nos referimos pode ser negro, branco, amarelo, pobre, rico, estudante, idoso, cego, dona-de-casa, desempregado, artista, portador de sofrimento mental ainda internado ou recém-saído de instituições manicomiais, usuário dos serviços substitutivos da saúde mental, bem como portador de síndrome de down e deficiência (física e mental), entre outros. Nesse sentido, podemos pensar na dimensão ético-política desse trabalho, que rompe com o conceito dos grupos homogêneos, os guetos) é experimentada pelo contato corporal – dançado - e pela criação conjunta, o que promove a transformação dos participantes ao (re) ver-se, recriar-se a si e ao outro no encontro criativo-afetivo-reflexivo permeado pelas inúmeras limitações e potencialidades humanas. Nas palavras de Lane (1999:16) “*A criatividade não se restringe apenas à elaboração de obras de arte, mas se expressa também na própria identidade. Ela é a capacidade do ser humano de se recriar, de se transformar, em oposição à cristalização, característica da mesmice, consequência da reprodução mecânica de papéis definidos pelas instituições sociais (...)*”. Muitos dos participantes da Oficina passaram por histórias de discriminação, segregação, exclusão, preconceito, isolamento, etc - vale a pena reafirmar aqui que a discriminação, o preconceito e a exclusão não são vivências somente da população portadora de necessidades especiais de saúde, mas também presentes nas pessoas em situação de desigualdade social, como os pobres, os desempregados, os trabalhadores informais, os negros, os japoneses, entre outros - e, muitos, assumiram esse papel, atribuído pelas instituições sociais, como aponta a autora, para a constituição de suas identidades e subjetividades. Porém, esse papel social - de “louco”, “pobre”, “negro”, “deficiente”, “desempregado”, entre outros -, também pode ser visto como um lugar social (Spink,P.,2000), como um espaço ocupado e produzido sociohistoricamente – ao mesmo tempo que se configura como ação produtora do social - por ações, eventos, ligações, negociações, sentidos e significados, individuais e coletivos, em constante formação

e transformação, criados e recriados nas relações cotidianas, como “(...) *uma questão de luta e disputa entre privilégios e mecanismos de exclusão. É no lugar que se concretizam, na modernidade, os confrontos entre grupos e facções; é no lugar que se concretiza a sociedade civil*”. (Spink, P.:2000:08).

Além de se configurar como um lugar social de confronto de identidades e papéis assumidos pelos participantes, ou melhor, de lugares sociais em transformação, a Oficina de Dança ocupa e usa um espaço público e participa socialmente da reforma e da transformação do público para que tenha a “cara das pessoas, da gente” que o forma nas relações sociais negociadas. “(...) *Não serve falar em território em si mesmo, mas de território usado, de modo a incluir todos os atores. O importante é saber que a sociedade exerce permanentemente um diálogo com o território usado*”. (Santos, 2000:26).

A potência de transformação da Oficina de Dança também está no lugar social que ocupa, em constante processo de negociação e diálogo com o público/coletivo e o privado/individual. Vale trazer aqui algumas considerações a esse respeito: a não institucionalização/ legalização da Oficina de Dança e do Coral Cidadãos Cantantes nos coloca sempre na condição de grupo de risco, em que nos sujeitamos às decisões administrativas dos espaços públicos culturais que ocupamos (saímos do CCSP em 2008 por razão de mudança de diretoria) e estamos na Galeria Olido, pelo apoio de funcionários ao projeto e por nosso desejo de ainda lutar por constituirmos uma política pública, porém, na semana passada, ao solicitar que a sala fosse limpa, para que os participantes pudessem deitar-se no chão, presenciamos um “ataque de nervos” da diretora de produção que alegou não poder oferecer um espaço adequado ao nosso trabalho e que, portanto, diria à diretora geral para não permitir nossa permanência no ano que vem. Tudo isso foi dito, aos berros, diante de todos os participantes do grupo, o que mobilizou reflexões a respeito. Outra situação vivida por nós, quando ainda estávamos no CCSP, foi quando um funcionário (responsável pela grade de horários da sala de dança) me ligou dizendo: “*você não tem autorização para colocar louco para pisar no meu linóleo!*”. Assim, estão em questão: o lugar social dos participantes e o lugar social da Oficina de Dança, simultaneamente e em relação.

Além disso, podemos pensar que se o lugar também é ação produtora do social, ele “*é um processo de intervenção causal, efetiva, real, contemplada por seres corporificados num contínuo percurso de eventos no mundo. É a possibilidade de agir de outra maneira juntamente com outras pessoas*”. (Bichara, 2003:63)

Pensar o lugar social na Oficina de Dança, na perspectiva da ação e da transformação, nos corpos e na vida dos participantes, nos permite argüir que a própria possibilidade de

movimentar, gesticular, dançar, suar, respirar, é libertadora em sua essência, pois facilita o processo de experimentação do corpo - de como a pessoa foi, de como está e de como pode vir a ser. A forma e a ação - e a *trans-form-ação* - acontecem simultaneamente com a expressão de pensamentos, sentimentos e emoções daquele que manipula seu corpo, seu ser e sua forma.

A contradição é um fenômeno presente, assim como o conflito, os diálogos e os processos de superações de questões voltadas aos próprios princípios do projeto. A pergunta da professora Ianni, nos aponta para o desafio de promover a convivência e a inclusão em uma sociedade excludente:

Pode-se perguntar, por exemplo, quais significados são atribuídos ao conceito de “diferença” e se seria possível instalar a convivência dos diferentes em nossa sociedade, sem se produzirem novas exclusões. Afinal de contas, a instalação de práticas antimanicomiais implica a impossibilidade de convivência com a velha lógica manicomial e suas teorias, técnicas e instrumentos. (Scarcelli, 1999:203).

E algumas perguntas nascem dessa: podemos pensar que a possibilidade da existência de ações inclusivas em uma sociedade excludente pode dar-se por meio de diálogos, lutas e disputas políticas, sociais, subjetivas, em processos de negociações constantes? Como é colocar-se como sujeito da ação, produtor de um lugar social para si, para ocupar e se transformar constantemente? Qual o sentido dessa experiência para o sujeito?

Poderíamos pensar a prática da Oficina de Dança como um lugar social de transformação subjetiva e social? Por quê? Será porque está organizada e calcada nas dimensões políticas e éticas da inclusão e da convivência e nas dimensões pessoais e sociais corporificadas pela arte da dança e da expressão? Se assim for, qual o sentido dessa ação na vida dos participantes do grupo?

Todas essas questões permeiam o nosso fazer cotidiano junto ao grupo e, a partir dessa mesa e desses diálogos, poderemos tecer novas perguntas e algumas respostas possíveis.

Stanley Keleman, com sua teoria somático-existencial nos ajuda a compreender o corpo e seus processos de formação sem deixar de lado toda a complexidade humana, pois, como nos ensina Morin (2001:40):

O ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural. (...) O que há de mais biológico – o sexo, o nascimento, a morte – é, também, o que há de mais impregnado de cultura. (...) nossas atividades mais culturais – falar, cantar, dançar, amar, meditar – põem em movimento nossos corpos, nossos órgãos; portanto o cérebro.

Compreendemos o ser humano como social e ativo, constituído a partir das e nas relações sociais, históricas e culturais em que se situa, dinamicamente. O corpo é entendido como a forma material da existência humana, construída nas relações sóciohistóricas, moldada pelas determinações genéticas e continuamente formada pelas experiências e processos vividos pelo indivíduo ao longo de sua vida. É no corpo onde se manifestam as dimensões subjetivas e sociais / individuais e coletivas, do pensar, do sentir e do agir, consciente ou inconscientemente. Nas palavras de Keleman (1995:36) “(...) *A vida diária vai dando carne à nossa experiência. A forma física manifesta nossas experiências invisíveis.*”.

Dançar e movimentar-se corporalmente, possibilitam o contato e a aproximação reflexiva e consciente do sujeito à sua forma corporal, ao modo como se organizou para estar no mundo. Nas palavras do autor: “*Para compreender como você faz sua vida, não é importante perguntar sobre motivação (porque), lugar (onde), ou o tempo (quando). Todas essas coisas se revelam na resposta à questão organizacional “Como faço isso? Ou Como isso está acontecendo?”.* (p.35)

O próprio movimento permite a experimentação de novas possibilidades de formas corporais, que conscientizadas pelo indivíduo, são moldadas no corpo como novos modos de agir, pensar e sentir. Esse processo é intensificado pela relação grupal, onde um aprende e ensina ao outro novos movimentos e gestos e caminhos corporais possíveis.

Podemos pensar que a possibilidade de experimentar novas formas corporais, permite o trânsito do indivíduo por diferentes papéis, funções, lugares sociais e situações, facilitando os processos de (re) construção da sua subjetividade e identidade e de um novo lugar social para si.

Nesse processo de transformação, os sujeitos atribuem um sentido para as suas experiências. Compreendemos o sentido como uma produção social e coletiva, dado na interação dinâmica entre as pessoas e as relações sociais e históricas de um momento e um local culturalmente determinados, no processo de construção de uma prática social, dialógica, que implica a linguagem social usada, a linguagem em ação. Nas palavras de Mary Jane Spink (1999:45) “(...) *linguagem em ação, isto é, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas.*”.

O sentido, sendo produzido interativamente, inclui também a interlocução com pessoas que não estão presentes no diálogo, mas presentes nos processos de construção de versões da realidade, ou seja:

Versões compartilhadas por diferentes grupos sociais e cristalizadas em discursos oficiais ou institucionalizados são difusamente veiculadas pelos

meios e comunicação e pelo mundo interanimado em que vivemos. Ao longo de sua história de vida, o indivíduo vai se posicionando e buscando uma coerência discursiva, recolhendo e processando narrativas que vão lhe dar a identidade.” (Pinheiro, 1999:194).

Assim, o sentido pode ser entendido como um processo de construção contínua do sujeito e do mundo a partir dos lugares sociais de onde fala.

Portanto, esse trabalho nos aponta para as possibilidades de construção contínua do sujeito na relação social, pelos sentidos e formas corporais construídas e reconstruídas continuamente. O processo grupal se apresenta como elemento fundamental para a facilitação desses processos de “atualização” de si, ou seja, uma identidade atual, no corpo, na mente e no espaço, no discurso, no sujeito como um todo.

Estamos desenvolvendo no grupo um trabalho com o espaço do onírico e o corpo. Essa experiência tem sido reveladora e afirma esses processos subjetivos e coletivos da construção contínua de cada sujeito a partir da experiência da oficina de dança.

O processo teve início com a temática do equilíbrio e do desequilíbrio, passamos a usar os sapatos como elementos de exploração cênica dessa questão; o trabalho começou a não fazer mais sentido para o grupo e iniciamos uma proposta de trabalhar os espaços e o corpo. Os espaços foram pesquisados em muitas dimensões, desde os espaços de dentro do corpo, até os espaços de fora, em diferentes proporções, houveram trabalhos muito belos. Houve um participante que dançava com o corpo, os movimentos e o espaço do cérebro; havia um outro que dançava com mínimos gestos referentes a uma pesquisa com os espaços das víceras, entre outros. Todos esses trabalhos foram dançados individual, em duplas e em grupo, além de terem sido discutidos e conversados pelos participantes no momento da roda final de cada oficina.

O trabalho com o espaço do onírico aconteceu em uma semana em que uma participante levou seu sonho, por escrito, para ser compartilhado no grupo. Conversamos sobre ele e decidimos que dançaríamos o sonho na oficina seguinte. A decisão foi do grupo, com a autorização do sonhador. Ao começarmos a dançar esse espaço dos sonhos, novas possibilidades se abriram, os espaços se ampliaram e o corpo poderia movimentar-se de muitas outras maneiras e o sonho passou a ser do grupo e de cada um. Cada participante colocou elementos seus no sonho e os dançou assim como os recortes de seus trabalhos com o sonho foram únicos. Assim, o espetáculo desse ano, tratará a temática do espaço onírico e o corpo. Um novo desafio para o grupo Contato da Oficina de Dança e Expressão Corporal. Há autores que dizem que quando um sonho é levado a um grupo, diz respeito ao processo

grupar. O sonho fala da última vez que uma pessoa do grupo estava em família, na casa da praia. Havia uma escada que saía da sala de televisão da casa e chegava até a praia e um deck, que saía da janela e chegava até o mar, onde se sentavam para ver o espetáculo do por do sol na noite violeta-azul marinho, estrelada, cheia de andorinhas voando no céu. Ventava muito. Será esse um momento de abertura para o novo do grupo? De finalização de processos e começo de um novo tempo?

O trabalho continua com muitas perguntas, sentidos e corpos em construção contínua, individuais e coletivas, e algumas (poucas) respostas...

Bibliografia

- BICHARA, Tatiana A. C. **Exclusão e Informalidade: um estudo sobre o lugar social dos vendedores ambulantes de Quito-Ecuador**. Mestrado em Psicologia Social: PUC-SP, 2003.
- FERNANDES, Maria Inês A., SCARCELLI, Ianni e COSTA, Eliane S. (orgs). **Fim de Século: ainda manicômios?** São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1999.
- FERNANDES, Maria Inês A, VICENTIN, Maria Cristina G., VIEIRA, Maria Cláudia T. (orgs). **Tecendo a Rede: Trajetórias da Saúde Mental em São Paulo 1989-1996**. Taubaté, SP: Cabral Editora Universitária, 1999.
- KAZI, Gregorio. **Hacia una Psicología Social Histórica**. Buenos Aires: Ediciones Madres de Plaza de Mayo, 2006
- KELEMAN, Stanley. **Anatomia Emocional: a estrutura da experiência**. São Paulo: Summus, 1992.
- KELEMAN, Stanley. **Corporificando a Experiência: construindo uma vida pessoal**. São Paulo: Summus, 1995
- LANE, Sílvia Tatiana M. E ARAÚJO, Yara (orgs). **Arqueologia das Emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 4 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SANTOS, Milton. **Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

- SPINK, Mary Jane (org). **Práticas Discursivas e Produções de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SPINK, Peter K. **Um lugar para o lugar na Psicologia**. ANPEEP – Grupo de Trabalho: Cotidiano e Práticas Sociais. Texto Mimeografado, 2000.
- SPINK, Peter K.. **Políticas Públicas y Prácticas Públicas**. Texto mimeografado. São Paulo, 2002.